

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES VISUAIS – DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

O QUE SE PRODUZ A PARTIR DA ESCUTA DA CRIANÇA?
REFLEXÕES SOBRE UMA PRÁTICA COM CRIANÇAS DE 5 A 6 ANOS

Fernanda Petry Selmo

Porto Alegre
2019
Fernanda Petry Selmo

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES VISUAIS – DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

O QUE SE PRODUZ A PARTIR DA ESCUTA DA CRIANÇA?
REFLEXÕES SOBRE UMA PRÁTICA COM CRIANÇAS DE 5 A 6 ANOS

Trabalho de Conclusão do Curso de Artes Visuais, a ser apresentado ao Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Aline Nunes

Porto Alegre
2019
Fernanda Petry Selmo

O QUE SE PRODUZ A PARTIR DA ESCUTA DA CRIANÇA?
REFLEXÕES SOBRE UMA PRÁTICA COM CRIANÇAS DE 5 A 6 ANOS

Conceito final:

Aprovado em _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Cristiano Bedin da Costa – UFRGS

Prof. Dr. Cristian Poletti Mossi - UFRGS

Orientadora: Profa. Dra. Aline Nunes – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, mãe, irmã, marido e filho querido, por estarem disponíveis, e sempre me incentivando a persistir, e rumar para a conclusão do curso. Agradeço aos mestres, pessoas que me levaram à experiências fantásticas neste caminho maravilhoso da educação. Agradeço à Universidade Federal também, por ser pública e gratuita e entregar um ensino de qualidade.

RESUMO

“O que se produz a partir da escuta da criança?” tal questionamento impulsionou a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso, no qual objetivou-se pensar sobre os lugares ocupados pela infância e as possibilidades de pensá-la na contemporaneidade. A discussão é realizada a partir de algumas ações e referências estudadas durante a disciplina de Educação em Artes Visuais para a Infância, e serviram como pontos de reflexão sobre a formação docente em artes e suas relações com a infância. A partir de uma prática proposta na disciplina, inquietações surgiram com relação à postura da professora, o ambiente escolar, e a experiência em sala de aula. Com o auxílio das leituras e do que foi discutido e analisado na disciplina, foi se mapeando uma projeção para o estágio obrigatório, ainda não cursado.

Os principais autores que orientam este trabalho são Jorge Larrosa (2002 e 2016) e Fernando Hernandez (1998 e 2009).

Palavras-chave: infância; educação das artes visuais; educação infantil

ABSTRACT

“What is produced from listening to the child?” Such questioning prompted the completion of this Course Conclusion Paper, which aimed to think about the places occupied by childhood and the possibilities of thinking about it in contemporary times. The discussion is based on some actions and references studied during the discipline of Education in Visual Arts for Children, and served as points of reflection on teacher education in arts and their relationships with childhood. From a practice proposed in the discipline, concerns arose regarding the teacher's posture, the school environment, and the classroom experience. With the help of the readings and what was discussed and analyzed in the discipline, a projection was mapped to the mandatory stage, not yet attended.

The main authors who guide this work are Jorge Larrosa (2002 e 2016) and Fernando Hernandez (1998 e 2009).

Keyword: childhood; education in visual arts; early childhood education

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1. As crianças, esses seres estranhos dos quais nada se sabe, esses seres selvagens que não entendem nossa língua. (Larrosa, O enigma da criança)	09
2. A prática que levou a reflexão: o que se produz a partir da escuta das crianças?	15
3. Do processo de aprendizagem enquanto docente até agora	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	31

INTRODUÇÃO

Ao me matricular para a cadeira de Ensino em Artes Visuais para a Infância, por mais que tivesse lido a súmula da disciplina, não poderia imaginar as surpresas que vieram com a disciplina.

Refletir sobre educação infantil, principalmente no tocante ao ensino em Artes, era algo que já vinha buscando há algum tempo, pois estava trabalhando com crianças e adolescentes na época, e meu filho estava com três anos. Além de já estar rumando para o fim do curso de Licenciatura em Artes Visuais, e estar me preparando para o estágio obrigatório.

Após vários disparadores que tive na disciplina, surgiu, de início, a vontade de investigar um pouco mais sobre as práticas que são feitas com crianças na primeira infância. A proposta inicial deste trabalho seria efetuar uma prática longa, proporcionando espaços de fala e de reflexões junto aos alunos. Em conversa com os professores da banca, outras questões foram levantadas, e, após ponderar o que foi dito, conversei com a orientadora, que o melhor seria relatar as minhas reflexões sobre a cadeira, em especial, sobre uma prática que tivemos, bem como a minha caminhada docente até o momento.

Investigando sobre o ensino de artes para a infância, tive atravessamentos com os Projetos de Trabalho, Cultura Visual, bem como com pesquisadores que falam sobre o protagonismo da criança e a educação dialógica.

O trabalho traz então o panorama geral da disciplina Educação em Artes Visuais para a Infância, a descrição da prática que fizemos na disciplina e as questões que reverberam até o momento. Trago a importância de continuar a pesquisa sobre o protagonismo da criança na educação e, em pensarmos como educadores, em práticas mais significativas para a primeira infância.

1. AS CRIANÇAS, ESSES SERES ESTRANHOS DOS QUAIS NADA SE SABE, ESSES SERES SELVAGENS QUE NÃO ENTENDEM NOSSA LÍNGUA (LARROSA, 2016).

Pela primeira vez tive a oportunidade de pensar na infância de uma maneira diferente. A proposta de desconstruir a infância, na disciplina de Educação em Artes Visuais para a Infância¹, me fez pensar a educação infantil de maneira diferente. Em vista das diferentes realidades em que o professor tem que trabalhar, social, econômica, de currículo, percebi que ainda assim, subestimamos esses seres pequenos. Ainda é difícil olharmos para uma criança, e ir além da criança, ir além do pequeno ser que está à espera de instrução, à espera de preenchimento. Mesmo depois de tudo que foi escrito e estudado sobre elas, nos é difícil pensar em uma proposta de atividade, que não seja o mesmo que sempre foi feito. Pensar crianças como um outro alguém, que já pensa por si, que tem opinião, e que tem fala, é difícil e acaba sendo subestimado.

A disciplina teve uma mescla de leituras, vídeos e reflexões sobre arte, totalmente voltada para uma inquietação para com a infância, tal como a conhecemos. O desafio daquele semestre foi: porque ao trabalhar com crianças sempre pensamos no mais óbvio?

E na busca dessa resposta, com as muitas investigações que fizemos na disciplina, permeando leituras, filmes e relatos pessoais da turma, o que fica claro, é que a infância é uma fase rápida, facilmente esquecida e muito subestimada.

Para mim o que mais marcou foram as reflexões que fizemos sobre vários tipos de infância, desde a mais “tradicional” (em que a criança tem o seu “tempo” de ser criança, tem a exploração do seu espaço e a construção do seu sujeito), como as mais “inusitadas” (que muitas vezes vão depender da situação familiar/social e econômica, muitas vezes crianças são submetidas ao trabalho precoce, outras já perdem a relação com um dos pais), trazendo aqui como um disparador, os filmes Pelo Malo (Junior, um menino de cabelo crespo, que quer tirar a foto do colégio com o cabelo liso, para deixar a mãe orgulhosa, acaba por

¹ Disciplina Educação em Artes Visuais para a Infância cursada em 2018/2, ministrada pela Professora Doutora Aline Nunes. Súmula: Investigação de processos educativos de propostas de unidades de ensino em escolinhas de arte e pré-escola com implementação, avaliação crítica e reformulação. Discussão em seminário de análise da prática docente em artes visuais.

travar uma guerra com ela.). A evolução do filme traz situações do papel da mãe, naquele núcleo familiar, em que eram apenas ela e os dois filhos, numa Venezuela em crise, as incertezas e medos de criar “bem” o filho, sendo que este quer apenas que sua mãe o olhe e o perceba com orgulho; e Capitão Fantástico (onde um homem cria seus seis filhos em meio a mata, longe da civilização, em uma rotina rígida de treinamentos e estudos, e um acontecimento o força a encarar o mundo, fazendo com que seu papel de pai seja refletido). Mas a reflexão não ficou só na criança, mas também nas pessoas e nos ambientes que cercam esta criança. As figuras materna e paterna, bem como os trajetos feitos pela vizinhança, a casa, os cheiros. Lemos Manoel de Barros, em especial os poemas Caso de Amor e Escova, em que minhas impressões foram com relação ao tempo e caminhos; e descoberta e a imensidão da descoberta, respectivamente. Nossa discussão, foi com relação a que infância é essa? Que apontamentos podíamos fazer sobre a nossa própria infância, para refletir essa resposta? Conforme Barros (2008),

Uma estrada é deserta por dois motivos: por abandono ou por desprezo. Esta que eu ando nela agora é por abandono. Chega que os espinheiros a estão abafando as margens. Esta estrada melhora muito de eu ir sozinho nela. Eu ando por aqui desde pequeno. E sinto que ela bota sentido em mim. Eu acho que ela manja que eu fui para a escola e estou voltando agora para revê-la. Ela não tem indiferença pelo meu passado. Eu sinto mesmo que ela me reconhece agora, tantos anos depois. Eu sinto que ela melhora de eu ir sozinho sobre seu corpo. De minha parte eu achei ela bem acabadinha. Sobre suas pedras agora raramente um cavalo passeia. E quando vem um, ela o segura com carinho. Eu sinto mesmo hoje que a estrada é carente de pessoas e de bichos... Eu estou imaginando que a estrada pensa que eu também sou como ela: uma coisa bem esquecida. Pode ser. Nem cachorro passa mais por nós. Mas eu ensino para ela como se deve comportar na solidão... Numa boa: a gente vai desaparecendo igual ao Carlitos vai desaparecendo no fim de uma estrada...Deixe, deixe, meu amor.(pg.29)

Eu tinha vontade de fazer como os dois homens que vi sentados na terra escovando osso. No começo achei que aqueles homens não batiam bem. Porque ficavam sentados na terra o dia inteiro escovando osso. Depois aprendi que aqueles homens eram arqueólogos. E que eles faziam o serviço de escovar osso por amor. E que eles queriam encontrar nos ossos vestígios de antigas civilizações que estariam enterrados por séculos naquele chão. Logo pensei de escovar palavras. Porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras. Eu já sabia que as palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas e muitas significâncias remontadas. Eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma. Para escutar os primeiros sons, mesmo que ainda bígrafos. Comecei a

fazer isso sentado em minha escrivaninha. Passava horas inteiras, dias inteiros fechado no quarto, trancado, a escovar palavras. Logo a turma perguntou: o que eu fazia o dia inteiro trancado naquele quarto? Eu respondi a eles, meio entresonhado, que eu estava escovando palavras. Eles acharam que eu não batia bem. Então eu joguei a escova fora. (pg.17)

E aqui eu lembrei muito de como o caminho para a escola era longo, não acabava nunca, além dos longos corredores da escola, o teto da sala de aula que era lá longe e, obviamente, todos os cheiros da sala da pré-escola, que era uma mistura de cola, leite morno e pão. Que saudosismo!

Também lemos “A História de um Olhar” da jornalista Eliane Brum, onde pudemos refletir um pouco do que se trata ser educador: não só preencher uma carga horária, mas perceber o outro, seja ele como for.

E a cada reflexão, pudemos ter relatos, hora saudosistas dos colegas, como também relatos tristes. E pude perceber que o que acontece na infância nos acompanha por toda a vida, e que poder viver esta fase é crucial para a nossa formação, o sujeito.

Desconstruir a infância, para então construir um sujeito, que pensa, e faz críticas, me deu medo. Não só como educadora, mas como mãe também, pois a infância pode ser algo maravilhoso, como também enfadonho. Muitas realidades se misturam em sala de aula. Mesmo em escolas particulares, vemos crianças com diversos tipos de diagnósticos, de classes sociais e todas buscam algo: o seu lugar de fala. E é fato, como escutamos pouco e, o pouco que escutamos, nos traz inquietude, pois muitas vezes somos pegos de surpresa, seja com comentários, como com afirmações dos pequenos. Quando seus cérebros começam a assimilar o seu entorno, e o meio em que vivem, surgem as comparações, as invenções, diálogos com eles mesmos (vejo pelo meu filho, que aos 3 anos e meio, já inventa histórias). E nossas reflexões para com a nossa ação pedagógica foi na via que Larrosa (2016) expressou, a ação pedagógica depende de como nossos saberes determinam o possível e de como nossas práticas produzem o real.

Por isso é importante refletir que, mesmo que trabalhemos com o imaginário da criança, também lidamos com a sua realidade. Iremos nos deparar com situações das mais diversas, porém como facilitadores, é importante ter em mente o que descreve Hernandez (2009), a prática de ensino tem por intenção a

construção pessoal de significado, provocando no estudante uma insatisfação com o que compreende até aquele momento.

Por mais que crianças ainda não tenham uma grande vivência, o pouco dos anos que têm, já levantam questionamentos, e já trazem conhecimentos. Ainda mais, por causa de seu desenvolvimento. Seus cérebros parecem uma esponja, absorvem tudo ao seu redor, cores, sons, palavras, jeitos, músicas. É bom então, como educadores, percebermos que nosso aluno se parece mais, como expõe Hernandez (2009), com um viajante que se detém o tempo necessário nos lugares de seu interesse, desfruta do encontro inesperado e sente-se atraído pela intensidade da experiência. E com esta percepção, podemos então instigar nosso aluno, mediar seu interesse, fazê-lo ir além da sala de aula, sempre com uma diretriz para a construção desse sujeito, uma construção crítica, propiciando que reflitam sobre si mesmos, e seu meio.

Porém, tudo começa do princípio. Por isso, gosto de refletir sobre a frase que mais me chamou atenção no texto do Larrosa (2016), onde ele diz que, a educação tem a ver com a natalidade, com o fato de que constantemente nascem seres humanos no mundo. Partindo desta fala, e da minha experiência como mãe (aqui me atento ao fato de estar experienciando a maternidade, e não de ter a experiência, do termo *expert*), vejo o quanto projetamos a natalidade. Eu mesma fiz muitos planos, tive expectativas, principalmente com relação ao parto, no entanto esta foi a parte mais fácil, pois é apenas um procedimento (tanto o natural, quanto a cesárea, que foi o meu caso). A realidade da maternidade só chega quando vamos pra casa, onde o apoio do hospital, das enfermeiras acabam, e tu estás só, com aquele ser, que chora, que dorme, e que depende de ti para sobreviver. Foi ali que me dei conta da responsabilidade para com o outro. Sim, pois aquele bebê era um outro ser, uma outra pessoa, não uma entidade fofinha, linda e angelical, como nos mostram em anúncios de televisão. Essa percepção do outro chegou em mim como um rompante e, percebi que, conforme Larrosa (2016),

O nascimento é a aparição da novidade radical: o inesperado que interrompe toda expectativa; o acontecimento imprevisto que não pode ser tomado como a consequência de nenhuma causa e que não pode ser deduzido de nenhuma situação anterior; o que, longe de inserir-se placidamente nos esquemas de percepção que funcionam em nosso mundo, os coloca radicalmente em questionamento. (p. 7).

Então, o “radicalmente em questionamento” é o que vem sucedendo desde que tive o meu filho. E também me questiono como educadora, constantemente, pois não consigo mais ver uma criança, apenas como uma criança. Vejo ali um ser pensante, que traz consigo um imaginário, percepções, e que nos coloca à prova, todos os dias. Questiono até se o espaço escolar como o conhecemos é o correto; seria mesmo necessário ter grades, salas definidas por idades, cor única, padrão? No documentário “Quando sinto que já sei”, há uma série de reflexões, de projetos que surgiram com a intenção de alguns, mas principalmente com a escuta dos alunos. De como um espaço escolar diferente, poderia instigá-los a ficar mais tempo na escola, lembrando aqui que existe um grande abismo entre taxa de ingresso e taxa de evasão escolar, mostrando que em algum momento, a escola deixa de fazer sentido. No documentário, a escuta dos alunos, fez a diferença.

Os padrões, as normas, as regras, o enquadramento. Como vivemos em um mundo capitalista, que precisa de consumidores, vejo que existe um lado que puxa os pais para o consumo - de uma escola que vai preparar seu filho para uma grande carreira; e nesse sentido vai, como cita Larrosa (2016),

Afogar o enigma ontológico do novo que vem ao mundo, ocultar a inquietude que todo nascimento traz, eliminar a incerteza de um porvir aberto e indefinido, submeter a alteridade da infância à lógica implacável de nosso mundo, converter as crianças em uma projeção de nossos desejos, de nossas idéias e de nossos projetos. (p. 11).

Aqui engessando as crianças nas regras e no que o mercado de trabalho quer delas. Se forem da classe A, irão ser grandes médicos, advogados, políticos; se de classe B, C, D, podem até chegar à um curso técnico, terão seu espaço reduzido ao que o mercado, que dita a demanda, vai querer. Isso é, quando pensamos as crianças como telas em branco, no entanto, como aponta Larrosa (2016), embora a infância nos mostre uma face visível, conserva também um tesouro oculto de sentido que faz com que jamais possamos esgotá-la. E justamente aqui, que entramos como professores, ouvindo esses seres no início de sua caminhada.

Escrevi uma dedicatória ao meu filho, quando ele completou três anos, e fui muito sincera quando disse que, nesse tempo, eu mais aprendi contigo, do que te ensinei... mais descobri sobre mim mesma, do que de ti. Cada vez mais percebo a infinidade de descobertas, e de possibilidades com uma nova vida. Cada vez que o olho dele brilha e o semblante muda, vejo o lampejo do novo, daquilo que nunca mais será igual. Participar no dia a dia desse processo requer esforço, cuidado, respeito e resiliência. Larrosa (2016) diz,

Mas isso exige a renúncia a toda vontade de saber e poder, a toda vontade de domínio. Somente na espera tranqüila do que não sabemos e na acolhida serena do que não possuímos, podemos habitar na proximidade da presença enigmática da infância e podemos deixar-nos transformar pela verdade que cada nascimento traz consigo. (p. 16).

Larrosa fala do encontro com a infância, e isso, acredito, tenha que ser feito de maneira inversa. Como foi proposto, na cadeira de Ensino em Artes Visuais para a Infância, desconstruindo a infância, para então entendê-la, nem que seja em parte. Mas mais que tudo respeitá-la, como uma parte da construção do sujeito, que só passamos a conhecer na fase adulta. Esse processo foi um reencontro com a minha infância, meus anseios, minhas lembranças mais felizes, e também mais tristes, e dessas memórias, vejo o quanto carregamos da infância, e quanto os bichos papões podem simplesmente desaparecer, ou continuarem nos assombrando cada vez mais.

2. A PRÁTICA QUE LEVOU A REFLEXÃO: O QUE SE PRODUZ A PARTIR DA ESCUTA DAS CRIANÇAS?

No fechamento da disciplina fizemos uma atividade em uma escola, uma prática. Fomos divididos em grupos, e o meu grupo ficou com uma turma de 12 crianças em idade entre 5 e 6 anos. Foram duas aulas de observação e uma de prática. Pudemos observar como a turma se portava, e como a professora era com eles. Tinha um aluno com autismo (leve, quando medicado participava das atividades, porém ficava muito sonolento). A professora fazia jogos com o alfabeto, para formação de palavras, e o tempo era pré-determinado, pois tinha a hora do lanche, a hora do pátio, a hora de arrumar a sala para a soneca da tarde, e antes disso tudo, era o momento que teríamos para fazer a prática com eles.

De início, nossa ideia era de mostrar cartazes para turma, lembrando posters de filmes, ou séries, e iríamos pedir para eles fazerem uma releitura de algum cartaz ou pôster que eles conhecessem. Mas já na primeira observação, vimos que não seria viável, pelo curto tempo que teríamos com a turma. Então nossa proposta foi de levar materiais que eles não conheciam, ou que ainda não haviam trabalhado, como pastel seco e lantejola, além dos que já conheciam, lápis de cor, giz de cera, hidrocor e cola, para então fazer um desenho sobre a escola deles.

Foi uma atividade que me deixou muito surpresa, não só com o engajamento da turma, que aceitou de imediato participar, como também com o que as crianças falaram sobre seus trabalhos. Foi uma atividade guiada. O grupo, de início criou uma expectativa com relação aos tipos de produções, porém não havíamos cogitado a ideia das narrativas que tivemos. O que me remeteu a Edith Derdyk (2003), muitas vezes, a interpretação verbal efetuada pela criança é mais rica e criativa que o próprio desenho, sendo este o suporte da fala, da narração verbal. Que foi reto ao encontro do que presenciei naquela turma. Os relatos dos trabalhos foram muito mais ricos e inusitados do que os trabalhos em si.



Fig.1 - Trabalhos da turma expostos conforme indicação dos alunos. Fonte: arquivo pessoal.



Fig. 2 - Trabalhos da turma expostos conforme indicação dos alunos. Fonte: arquivo pessoal.



Fig. 3 - Trabalhos da turma expostos conforme indicação dos alunos. Fonte: arquivo pessoal.

Remeto aqui também ao que Becker (2010), em *Cultura Visual* comenta,

Poder se ia dizer que um texto, depois de separado de seu autor (assim como da intenção do autor) e das circunstâncias concretas de sua criação (e, conseqüentemente, de seu referente intencionado), flutuar (por assim dizer) no vácuo de um leque potencialmente infinito de interpretações possíveis. (p. 123).

O que me trouxe a reflexão para além da disciplina: o que se produz com a escuta das crianças?

Edith Derdyk, em seu *Formas de Pensar o Desenho*, nos apresenta reflexões e apontamentos com relação ao desenho, fala e interpretações infantis. Ao recordar dos momentos em aula com aquela turma, vi concretamente que o ensino totalmente guiado e sem abertura para a fala das crianças acaba por, como fala Derdyk (2003),

A necessidade de organizar o conhecimento, para poder comunicá-lo, muitas vezes torna o próprio conhecimento, classificatório e redutor. A escola, porta-voz de uma visão do mundo, pode subliminarmente

aprisionar a capacidade de a criança perceber e compreender o mundo por si mesma: este lhe é dado, apresentado e assinado. (p. 108).

Dessa maneira, percebo como as atividades, principalmente na primeira infância, com o objetivo de contemplar as questões de motricidade fina, ficam sempre reduzidas à pintar ou colorir dentro das bordas, colar as bolinhas de papel crepom em cima da linha, e têm como pano de fundo feriados, ou dias emblemáticos, folclore; quando se tem outras vias de abordagem também, como por exemplo, o mosaico, e talvez trazer algo do cotidiano ou das comunidades em que estas crianças estão inseridas. Tentando dessa forma, fazer com que a atividade tenha um objetivo e um sentido também para a criança. Falo isso pois percebo pelos trabalhos que meu filho faz na creche: sendo sempre os mesmos, fazem com que ele já tenha o senso de espaço dentro da folha. Já consegue eleger uma cor, e colocá-la dentro do espaço certo, consegue colar as bolinhas de papel crepom em cima da linha; tudo mostrando que o desenvolvimento dele está se dando normalmente. Porém ao ver com ele em casa, os desenhos, peço para ele me falar sobre como foi a atividade, e obviamente, ele, nas suas palavras, me conta. Mas o que mais me chama a atenção é, quando coloco os desenhos e pinturas de uma forma que ele consiga ver a evolução dos rabiscos, das suas “garatujas”, ele vira pra mim e comenta isso - que está crescendo. Então, para mim, isso é mais um reforço, da importância, da fala das crianças, e do panorama que a escola pode dar, do seu desenvolvimento, abrindo uma conversa e até propondo encontros mais prazerosos.

Encontrei, também, em Aldo Fortunatti, pedagogo italiano, docente da Universidade de Florença, reflexões sobre a importância do protagonismo da criança. Ele fala em um conjunto de ações: a participação da comunidade no ensino infantil e a importância de manter o currículo aberto.

Fazendo um paralelo com o que vimos na disciplina e também trazendo o que vi na disciplina de Teoria de Currículo², reflito muito com relação aos currículos. Naquela disciplina vimos dois pontos de tensionamento com relação à

² Disciplina Teoria de Currículo (EDU02029), cursada em 2018/1, ministrada pelo Prof. Cristiano Bedin. Súmula: Teorias da educação e currículo. Currículo e sociedade. Currículo e ideologia. Currículo e relações de poder. Conhecimentos cotidianos e escolares. Conhecimento escolar e competências: seleção e distribuição.

construção dos currículos, que reverbera até agora: 1- o quê? O que devem saber? Ideal de seleção; 2- O quê? O quê devem ser? Ideal de formação. Reverberando o que formar? O que ensinar? E pudemos observar naquela prática, que aquelas crianças não estavam recebendo nada, de efetivamente curricular, pois a professora não pensava em o que deveriam saber e nem no que deveriam ser. E então, ficou claro, que por vezes encontramos resistência em criar atividades novas com crianças, seja por medo de fugir dos PCN, seja por subestimar o potencial delas, seja até por não refletir mais além. Porém o pedagogo, em entrevista à Gaúcha ZH em 2019, fala que,

Ao afirmar que não deveremos seguir modelos, me refiro a abordagens burocráticas baseadas em programas escritos previamente. Isso não significa deixar de ter diretrizes claras. Quando falo do valor do espaço como um sistema de oportunidades, quando falo de um adulto menos diretivo e mais como um mentor, quando falo de valorizar a individualidade e o tempo individual de cada criança, quando falo da importância de cultivar o relacionamento com as famílias, quando abordo a questão da formação em serviço como uma atividade a ser executada com continuidade, em todos esses casos, estou dando indicações, pontos em torno dos quais podemos construir um currículo não baseado apenas nos objetivos que o adulto tem em mente, mas no reconhecimento concreto do protagonismo das crianças. FORTUNATTI

Entendo e concordo quando Fortunatti fala em termos de um mapeamento claro de direções à seguir. Porém percebo que engessar o ensino faz com que o mesmo perca o sentido, em algum momento. Observar as mudanças que ocorrem no mundo, me parece fundamental para envolver os alunos nas atividades que são propostas. Fortunatti vai ainda além, e fala mais do espaço escola, relação do professor e recursos, que nem sempre são favoráveis a novas atividades, ou atividades que possam explorar outras vias de abordar o conhecimento. Bons projetos nem sempre são aqueles em que há maiores recursos disponíveis, precisamos de cultura e inteligência para entender como organizar e usar com maestria os recursos de que dispomos (FORTUNATTI, 2019). Por isso considero importante pensar nos Projetos de Trabalho, que auxiliarão nesta perspectiva de utilizarmos nossos recursos da melhor maneira possível.

Naquela observação, como pontuarei mais adiante, a professora disse que não havia recebido um cronograma para seguir com as crianças, portanto os

Projetos de Trabalho viriam ao auxílio dos professores, no sentido que, conforme explica Hernandez (1998), se baseiam em sua significatividade, à diferença dos centros de interesse, que, segundo uma professora de escola baseiam-se nas descobertas espontâneas dos alunos. Certificando, que uma educação dialógica, possa ser o caminho à seguir, Hernandez ainda cita que,

É importante constatar que a informação necessária para construir os Projetos não está determinada de antemão, nem depende do educador ou do livro-texto, está sim em função do que cada aluno já sabe sobre um tema e da informação com a qual se possa relacionar dentro e fora da escola. (p. 63).

Voltando aqui, ao que Fortunati falou, sobre ter diretrizes claras, o que nortearia a professora e poderia auxiliá-la a desenvolver um Projeto ainda melhor com os alunos.

Na turma em que aplicamos a prática, poucos alunos haviam experimentado pastel seco e lantejoulas, e ainda poucos conheciam papel pardo. Ao colocarmos os trabalhos na parede, pedimos o auxílio dos pequenos, perguntando onde ficaria melhor de apresentar aquele trabalho, e com os apontamentos deles é que a apresentação foi montada. Tudo muito simples e ainda assim, a experiência foi fantástica. Nos relatos, de tudo foi ouvido, desde histórias fantásticas de zumbis atacando a escola, até uma benção de amor. Aqui considero importante também, comentar da participação do Davi (o menino com autismo). Ele, do início ao fim, foi tão engajado na atividade quanto o resto da turma, ficou maravilhado com o brilho das lantejoulas e ao ver todos os trabalhos expostos, pediu para que explicássemos que o brilho das lantejoulas representava a sua felicidade de estar na escola. A professora relatou que não esperava que todos fossem participar e depois falar sobre seus trabalhos, até os mais tímidos da turma falaram, e todos tão empolgados e engajados. Nós do grupo também percebemos que ao falarem sobre seus trabalhos, os alunos respeitavam o tempo de cada um, tudo ficou muito ordenado e todos participaram, sem termos que chamar a atenção de ninguém.

Apesar de a experiência nesta prática ter sido muito reveladora, instigante e surpreendente; ao voltarmos para a sala de aula da disciplina, para então

compartilharmos nossas impressões, não pudemos deixar de apontar a postura da professora para com a turma. Ela não falava com as crianças, porém berrava. E de imediato me lembrei de alguns encontros meus, com professoras assim, durante a escola. A professora Nina foi uma delas, na quarta série eu desenvolvi fobia de ir à aula, por causa dela, sempre berrando e humilhando os alunos. Na oitava série a professora Loni, de português, era um mito na escola, por justamente, berrar e humilhar os alunos. Então fiquei me perguntando, se é necessário berrar com crianças? E a resposta é, não. Fiz uma experiência com meu filho: é sempre difícil chamá-lo pra tomar banho, principalmente quando ele está brincando no pátio, se eu começo a levantar o tom de voz, ele também levanta, acredito que seja a primeira reação de qualquer um, ver quem fala mais alto. Agora, se eu vou até ele, me coloco na sua altura e digo que é hora do banho, que amanhã tem mais brincadeiras, ele resmunga um pouco, porém segue para o banho. E no ambiente escolar ainda, penso que parte de um ambiente salutar, é justamente manter um tom de voz mais baixo.

Outro ponto que ressaltamos, foi a questão do tempo milimetricamente cronometrado para as atividades, além de não haver um fechamento destas com a turma, dando a impressão de que são apenas meras atividades sem importância. A professora, na ocasião, até comentou conosco que ficou chateada por não receber um planejamento da escola, já que com ela ficavam os alunos da pré-escola. Então, ela, por conta própria, esboçou atividades para contemplarem um pouco o que as crianças poderiam já agregar antes da ida à primeira série, como o alfabeto, fazendo as primeiras junções das vogais com as consoantes, os números e pequenas contas de adição e subtração. Porém mesmo com essa iniciativa dela, o grupo sentiu falta do fechamento, juntar a turma e mostrar o que eles aprenderam, como uns ajudaram aos outros, mostrar que cada passo que dão é importante e constrói algo. Abrindo aqui o espaço de escuta, que possa, talvez, responder a pergunta: o que se produz a partir da escuta das crianças? O retorno das atividades para elas, e para nós educadores também.

3. DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM ENQUANTO DOCENTE ATÉ AGORA

Após estes encontros, me deparei com muitos pensamentos e reflexões sobre o espaço escolar, a infância e o papel do educador. Até porque, ainda não cheguei ao meu estágio obrigatório, e os disparadores para este encontro mais extenso já foram lançados, com esta disciplina de Educação em Artes Visuais para a Infância.

Reflito sobre a experiência na escola, principalmente enquanto criança. E de como os educadores influenciam muito este aspecto. E quando menciono “educador”, abro mais uma reflexão, que teve como disparador a problematização dos termos “educador”, “facilitador”, “mediador” - em artes visuais.

Por alguns anos, ministrei aulas de inglês, mas por não ter a graduação em Letras, apenas a formação em curso de idiomas, não me intitulava “professora”, mas sim “instrutora”. Com o decorrer da faculdade de Licenciatura em Artes Visuais, e após esses anos nos cursos de inglês, confesso que demorei a perder o receio, mas hoje me considero sim uma educadora - alguém que pensa educação, que está na formação para educação e se preocupa com educação.

Muito se fala em preparar para o futuro, e que a informação, o estar informado, é grande parte desta formação, e esperamos isso da educação: que tenhamos toda a informação necessária para estarmos bem preparados para o futuro. Conseqüentemente, esquecemos de pensar no que fazer com toda essa informação, como organizá-la? Em se tratando do campo das artes, me vejo sim como uma mediadora, em que minha formação vai ajudar a organizar esta informação, para ser transmitida ao aluno de maneira que faça sentido, podendo transformar o espaço da aula de artes em um momento de experiência.

Larrosa (2002) diz que a palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo. Ele continua definindo que experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca (LARROSA, 2002). Lembro que minha escolha por Artes Visuais foi justamente, porque foi uma das únicas disciplinas na escola, em que pude ter uma experiência, algo lá passou por mim e me tocou. A descoberta dos materiais, o engajamento da turma nas atividades e até hoje, o ateliê. A vivência do ateliê para mim é como cita Larrosa (2002), aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. Acredito que seja por isso que na prática que

tivemos com as crianças, na disciplina, naquele curto momento de ateliê, surtiram tantas questões posteriores para mim. Do tempo e paciência, mas principalmente da escuta. E percebo que, conforme Larrosa (2002) o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua disponibilidade, por sua abertura.

Agora vejo que, da experiência escolar que tive, embarquei nessa travessia perigosa que é a educação. E indo mais além, percebo também que o ensino em Artes Visuais, está, como cita Becker (2010) em um período de transição: está acontecendo uma mudança no objeto de estudo e de aprendizagem que significa passar da "arte" à "cultura visual".

Cada vez mais observamos a ascensão dos "youtubers", dos "digital influencers" que, como descreve Cunha (2010), com efeito, enquanto intermediários culturais, eles desempenham um papel importante na educação do público para novos gostos e estilos. Isso faz parte da cultura visual que nos cerca, desde muito jovens. Crianças são cada vez mais vistas com celulares e tablets desde que conseguem segurar objetos nas mãos, o que passa a ficar evidente com o atual mercado. Uma vez que desde que nasce, a criança está imersa em um contexto visual é compreendida como consumidora (BECKER, 2010). Nesta mesma linha, Cunha (2010) também aponta que,

A infância - e o adulto - atualmente está entrelaçada com a cultura do consumidor. As necessidades sociais e culturais das crianças se expressam e definem inevitavelmente através de suas relações com os produtos materiais e através dos textos midiáticos produzidos comercialmente que impregnam suas vidas. O significado da infância, como também da "juventude", se constrói social e historicamente, e se trata de um processo onde o mercado comercial desempenha um papel cada vez mais importante. (p. 133).

Aqui trago a questão dos "youtubers", em que meu filho, aos quase quatro anos, assiste alguns (Paulinho e Toquinho, Brancoala, Flavia Calina, CKN Toys, dentre outros) e é visível o consumismo - vídeos que promovem testes de vários brinquedos, estilo vídeo de revisão e opinião sobre os produtos. Muitos desses youtubers mirins ganham verdadeiras fortunas, pois acabam sendo pagos para justamente, dar sua opinião sobre alguma marca. Sei que sempre houveram

propagandas voltadas para o consumismo infantil, e o apelo é grande, porém com os vídeos de análise dos produtos - os “reviews” - fazem com que as crianças sejam muito específicas nos seus pedidos. E mesmo com toda essa exploração consumista, vejo que em questão de sala de aula, esse universo ainda nos foge. Como aponta Cunha (2010),

As imagens, sejam do mundo físico, das representações, do imaginário simbólico, sejam da virtualidade, constituem-nos sem nos darmos conta do quanto elas formulam nosso modo de ver o mundo (...) Muitas vezes, as imagens possibilitam reflexões e desafiam nosso imaginário; outras vezes, formulam estereótipos que não conseguimos romper. (...) Entretanto, nos espaços sociais, entre eles os escolares, os exercícios do olhar transgressor, criativo, imaginativo é escasso. (p. 156).

O exercitar o olhar nos é escasso e o universo visual está cada vez mais vasto. Então reflito em atividades em que a união de imagens midiáticas explorando o universo do consumismo infantil, possa ser útil em sala de aula, de maneira que, dialogando com as crianças, possamos entendê-las melhor, através do que chama sua atenção, do que possa atravessar seus pensamentos, e dessa maneira, auxiliá-las a entender o seu espaço na sociedade.

Como falei no início deste texto, as propostas para crianças são, em grande parte, sempre as mesmas, o pensamento com relação às crianças, também sempre o mesmo, e percebo que o grande potencial delas, de criação, de inquietação, está sendo deixado de lado. E desse modo, podemos repensar algumas atividades lembrando que, conforme Cunha (2010),

No terreno da infância, percebemos que as crianças são mais suscetíveis aos encantamentos das pedagogias da visualidade da cultura popular, pois é esta cultura do prazer, do desejo e da satisfação que elas vivem. Portanto, não se trata de afastá-las das produções culturais contemporâneas, mas disponibilizar e fazer com que experienciem repertórios culturais variados. (p. 157).

Exercitando o olhar das crianças também para a arte contemporânea, ouvindo sua opinião, pode também trazer uma outra perspectiva sobre os trabalhos dos artistas e o que as crianças compreendem dele.

E refletindo e investigando sobre essas questões, já consigo pensar no que poderia fazer diferente, não só naquela turma em que fizemos a prática, mas também nas futuras turmas de estágio e além: escutar e dialogar com as crianças. No tempo em que trabalhei como instrutora de inglês, nos era instruído, nas primeiras aulas, fazer uma pequena entrevista com os alunos, para saber dos seus objetivos com relação ao estudo do inglês, para então podermos alinhar um projeto de ensino e um currículo que fizesse sentido ao aluno, que pudesse ter um encontro entre expectativas e realidade. A interpretação dialógica deve permitir que as crianças compreendam o momento cultural que vivem de forma crítica e reflexiva, para se tornarem autores e protagonistas de seu momento histórico" (BECKER, 2010). Nesse sentido, acredito que numa educação em artes visuais, também poderia ser iniciada com essa conversa.

Muito mais que fazer trabalhinhos para o dia dos pais, das mães, Natal, etc, a disciplina de artes está inserida diretamente no universo visual das crianças. O avanço nos estudos que relacionam a cultura visual e infância são muito importantes. Os desafios e inquietações são grandes, porém levar adiante as investigações, ainda mais na área de cultura visual, que abarca outras áreas, ou seja, é trabalhada de forma interdisciplinar em que, como relata Becker (2010), cada disciplina contribui, com seus elementos teóricos e metodológicos que, vinculados uns aos outros, criam modos particulares de análise sobre os materiais visuais, e os modos como está sendo produzida a visualidade. É muito importante, sobretudo na atualidade, com o turbilhão visual que nos cerca. E, como aponta Cunha (2010),

Isso significa que, diante da cultura visual, não há receptores nem leitores, mas construtores e intérpretes na medida em que a apropriação não é passiva nem dependente, mas interativa e de acordo com as experiências que cada indivíduo tenha experimentado fora da escola. Daí a importância, a posição de ponte que a cultura visual exerce: como campo de saberes que permite conectar e relacionar para compreender e aprender, para transferir o universo visual de fora da escola (do aparelho de vídeo, dos vídeos, das capas de CD, da publicidade, até a moda e o ciberespaço etc.) com a aprendizagem de estratégias para decodificá-lo, interpretá-lo e transformá-lo na escola. (p. 139).

Gosto muito quando Cunha (2010) diz que, reivindico o papel das crianças como protagonistas das pesquisas e reflexões, no sentido de procurar decifrar os territórios infantis, a partir das suas falas, pensamentos, ações e representações. Penso que sem a fala delas, sem seus pensamentos e reflexões, a disciplina de artes visuais, será apenas como mais uma tarefa que elas terão de cumprir para preencher um tempo que tem na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação em Artes Visuais vai para além de desenhos, e apresentações de materiais; a abertura que fazemos para a fala, o pensamento de criação, nos coloca em formação para a vida. Portanto o objetivo de ensinar arte é o de construir para a compreensão da paisagem social e cultural da qual faz parte cada indivíduo (HERNANDEZ, 2009).

Fazer a percepção do mundo, da comunidade em que estamos, nos impulsiona para reflexões sobre o humano. Não é apenas aprender a ler os textos, mas também - como escreveu Paulo Freire - interpretar o mundo para atuar nele a partir de uma conscientização que leve à emancipação (HERNANDEZ, 2009). Ver as crianças como páginas em branco, a espera de preenchimento, e não ter a percepção do humano, do ser que ali está, já não cabe mais no tempo em que vivemos. Na disciplina, pudemos perceber que muito ainda se subestima dos pequenos, mas também pudemos perceber o quão desafiador e inquietante é o trabalho com crianças.

A área da educação passa por transformações quietas e sutis, a busca por melhorias é incessante, ideias, propostas, sempre surgem, e acredito que ouvindo o principal componente desse setor, o aluno, teremos a oportunidade de arriscar novos rumos e novas atividades. O engajamento nas atividades, mas, sobretudo, na comunidade educacional, faz com que os alunos reflitam sobre sua responsabilidade nesse contexto. A visão do professor como o mestre, o que está acima, já não é mais pertinente com a nossa realidade. O envolvimento do aluno como parte de um grupo de estudos, onde o professor, agora mediador, terá o papel de auxiliar nas descobertas e formação, está sendo o melhor caminho a seguir para mostrar aos alunos que a escola ainda pode ser um lugar instigante e interessante. Como declara Hernandez (1998),

Mas, sobretudo, descubrem que eles também têm uma responsabilidade na sua própria aprendizagem, que não podem esperar passivamente que o professor tenha todas as respostas e lhes ofereça todas as soluções, especialmente porque, como já foi dito, o educador é um facilitador e, com frequência, um estudante a mais. (p. 75).

Infelizmente ainda vemos a disciplina de artes visuais como obsoleta e muitas vezes como o departamento encarregado por pensar nas datas festivas da escola. Em uma era digital como a nossa, pouco desse recurso ainda é usado nas escolas para trabalhos com os alunos. Ainda cito Hernandez (2009),

Em um mundo dominado por dispositivos visuais e tecnologias da representação (as artes visuais atuam como tais), nossa finalidade educativa deveria ser a de facilitar experiências reflexivas críticas. Experiências que permitam aos estudantes, como aponta Nancy Pauly (2003), terem a compreensão de como as imagens influem em seus pensamentos, em suas ações e sentimentos, bem como a refletir sobre suas identidades e contextos sócio-econômicos. (p. 25).

Penso que na grande maioria, as escolas públicas não possuem recursos, nem dispositivos para que possa se efetivar uma atividade totalmente digital em sala de aula. Porém penso também, que uma atividade que vá para além da sala de aula, como o levantamento de material (imagens, etc) em casa, com o auxílio da família e da comunidade, possa surtir um efeito positivo em atividades reflexivas e críticas. O tema de casa poderia envolver ainda mais o aluno, deixando de segregar o tempo de aula, tempo de casa; fazendo, talvez, com que os alunos percebam que as atividades tenham um sentido para além das paredes da escola. Trago aqui, então, a seguinte reflexão de Hernandez (2009),

Neste sentido sou daqueles que pensam que para se construir uma narrativa alternativa para a educação teria de se levar em conta a distância entre o que Giroux (in Steinberg e Kincheloe, 2000) denominou de “pedagogia cultural” (que tem a ver com o papel que desempenham as representações e as manifestações da cultura popular com a qual crianças e jovens entram em contato fora da escola - que tem um importante papel na constituição de suas subjetividades) e a “pedagogia escolar” (o que se pressupõe que a escola ensine os valores que pretende transmitir por meio de sua proposta pedagógica). (p. 32).

Pensar pedagogia escolar, currículo, projetos, atividades não é tarefa fácil, e nem deveria ser. A formação de um ser, não deveria ser banal, e

justamente, voltando a infância, deveríamos parar de banalizar, subestimar esses novos que chegam. Cunha (2010),

Os problemas que enfrentamos de fato não tem, como não tiveram os problemas sociais, uma solução inscrita em seu enunciado. Trata-se antes de perguntar para fazer ver do que para encontrar, de imediato, um plano de ação. Não são perguntas sobre o que fazer, mas sobre como armar uma perspectiva para ver. (p. 137).

Mais uma vez reforçando o não engessamento das atividades propostas. Não penso em desmerecer as já existentes, porém reformulá-las, e á medida que as crianças vão dando seus passos ir acrescentando atividades que dialoguem com seu cotidiano, e dessa maneira criando essa ponte de relacionamento entre escola e comunidade.

Muito ainda há para por em prática, penso que no momento do estágio obrigatório, e além, depois dessas reflexões, poderei deter mais tempo pensando em atividades que tenham um sentido, e proporcionarei fechamento para elas, fazendo com que a turma tenha seu momento de fala. Ressalto mais uma vez, que uma pequena entrevista com os alunos, nos faz ter um perfil, e que dali mesmo podem surgir propostas de atividades, que englobem toda a turma, de uma maneira muito positiva e, talvez, de maneira diferente do que já estamos vendo. Lembro sempre que a educação é um desafio, e com crianças, ainda maior, e fecho com a fala de Larrosa (2016), para seguir confiante, e dar os próximos passos,

À medida que encarna a aparição da alteridade, a infância não é nunca o que sabemos (é o outro de nossos saberes), mas igualmente é portadora de uma verdade diante da qual devemos colocar nos em posição de escuta; não é nunca a presa de nosso poder (é o outro que não pode ser submetido), mas, ao mesmo tempo, requer nossa iniciativa; não está nunca no lugar que lhe damos (é o outro que não pode ser abarcado), mas devemos abrir um lugar que receba. Isso é a experiência da criança como outro: o encontro com uma verdade que não aceita a medida de nosso saber, como uma demanda de iniciativa que não aceita a medida de nosso poder e com uma exigência de hospitalidade que não aceita a medida de nossa casa. A experiência da criança como outro é a atenção à presença enigmática da infância, a esses seres estranhos dos quais nada se sabe a esses seres selvagens que não entendem nossa língua. (p. 4).

Se abrir para a educação infantil é aceitar o enigma dessa infância. Conversando com minha irmã, que trabalha com crianças, lembramos de como ela tinha medo desse universo, dizendo que crianças não gostavam dela. E principalmente, após o estágio da faculdade, ela descobriu o universo infantil como surpreendente e inusitado. Ela hoje relata o trabalho como desafiador, porém gratificante, muito diferente de um trabalho com adultos. Crianças sempre nos surpreendem, nos fazem superarmos à nós mesmos por isso a importância em continuarmos investigando uma educação voltada para o seu protagonismo.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros: iluminuras de Martha Barros**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

BECKER, Aline da Silveira. História e imagens: a visualidade produzindo infâncias. In Martins e Tourinho, **Cultura Visual e infância: quando as imagens invadem a escola...**, Santa Maria. Editora Ufsm, 2010.

CAPTAIN Fantastic (pt/bra: Capitão Fantástico). Direção de: Matt Ross. Estados Unidos: Universal Pictures, 2016. DVD (118min).

CUNHA, Suzana Rangel Vieira da. As infâncias nas tramas da cultura visual. In Martins e Tourinho, **Cultura Visual e infância: quando as imagens invadem a escola...**, Santa Maria. Editora Ufsm, 2010.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**. São Paulo: Scipione, 2003. ISBN 8526249436.

FORTUNATTI, Aldo. **Não podemos subestimar a identidade das crianças**. [Entrevista concedida a] Guilherme Justino. Gaúcha ZH, Porto Alegre, 09/08/2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2019/08/nao-podemos-subestimar-a-identidade-das-criancas-defende-pedagogo-italiano-aldo-fortunati-cjz49gpst00z901patsmmqwul.html> Acesso em 21/08/2019.

HERNÁNDEZ, Fernando. **A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual: proposta para uma nova narrativa educacional**. 2.ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

LAROSSA, Jorge. **O enigma da infância ou o que vai do impossível ao verdadeiro**. 2016. Disponível em: <http://www.lite.fe.unicamp.br/cursos/ep403/txt3.htm> Acesso em 16 de junho de 2016.

LAROSSA, Jorge. Notas sobre experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação. Campinas, nº19, páginas 20 - 28, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002.
PELO Malo. Direção de Mariana Rondón. Venezuela: Sudaca Films, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WBtOc5k3iUE> (93min)

QUANDO Sinto que Já Sei. Direção de: Anderson Lima, Antonio Lovato e Raul Perez. Brasil, 2014. DVD (73min)

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: introdução às teorias do currículo**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, c 1999.